

RELAÇÃO AFETIVA/SEXUAL NA PSICOTERAPIA: TABUS E LIMITES BIOÉTICOS

Eixo Temático EIXO 38 - TRABALHO E VIOLÊNCIAS: DIMENSÕES ESTRUTURAIS
E INTERSECCIONAIS / AXIS 38: WORK AND VIOLENCE: STRUCTURAL AND
INTERSECTIONAL DIMENSIONS (ONLINE)

Tiffani Gomes Cardozo ¹
Helen Barbosa dos Santos ²
Daniela Barsotti Santos ³

RESUMO

O objetivo desta revisão de escopo consiste em mapear e analisar pesquisas empíricas sobre as relações romântico e/ou sexual entre psicólogo(a) e paciente, bem como suas implicações bioéticas. Considera-se que as inteligibilidades acerca da relação paciente-psicoterapeuta são influenciadas pela abordagem clínica adotada e podem constituir distintos entendimentos acerca dos limites bioéticos subsequentes. Denota-se que são escassas as pesquisas sobre essa temática, sobretudo as que promovam a interlocução entre gênero, feminismos e bioética. Ademais, a regulamentação ética nos Conselhos Profissionais de Psicologia pouco aborda essa seara, tornando difuso o que caracterizaria como comportamento vedado ao profissional da psicologia. Utilizou-se como método a revisão de escopo que permitiu traçar um panorama sobre os estudos realizados, compreender tendências na produção científica nacional e internacional e identificar lacunas sobre a temática. As bases de dados consultadas foram LILACS, SciELO, PubMed e Google Acadêmico, com auxílio dos descritores em português e inglês: violação ética, limites éticos, intimidade, psicólogo, paciente, relacionamento íntimo, relação sexual e transferência erótica. A análise permitiu contemplar distintos entendimentos das abordagens teóricas, relatos de experiências de psicólogos(as) e questionamentos sobre limites éticos. A literatura indica que sentimentos afetivos/sexuais geram desconforto nos profissionais, sobretudo devido ao tabu em relação a buscar apoio e assessoria diante de sentimentos românticos e/ou eróticos no contexto clínico. Ademais, as relações assimétricas entre profissional e paciente, bem como nas relações de gênero consistem em fatores de risco para a violência sexual e de gênero, o que reforça a

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande - RS, tiffanicardozo@gmail.com;

² Docente visitante do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande - RS

³ Docente do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande - RS



importância de garantir um ambiente terapêutico seguro e respeitoso. Destaca-se, também, a necessidade de uma formação ética e técnica desde a graduação.

Palavras-chave: Psicoterapia; Sexualidade, Relacionamento, Limite ético, Intimidade.

INTRODUÇÃO

Estudos no campo da psicologia tem buscado um aprofundamento para compreender a formação em psicologia para a redução de estigmas em temas como racismo (Damasceno; Zanello, 2022), assim como na psicoterapia para populações LGBTQ+ (Costa; Barros-Falcão; Drehmer, 2022). Nota-se, contudo, uma lacuna no que diz respeito a estudos que abordem o tema da sexualidade no cenário clínico. A pouca produção sobre a temática pode sinalizar a existência de um tabu que percorre esse assunto também na psicologia. Vesentini et. al (2021), durante a condução de um grupo focal, observaram a resistência de profissionais em utilizar o termo sexualidade para refletir sobre seus sentimentos pelos pacientes, diante disso optou-se pela substituição do termo por intimidade para que os participantes se sentissem confortáveis em compartilhar suas experiências.

Vieira e Romagnoli (2022) destacam que, na falta de uma integração entre os processos clínicos e psicossociais, além da intersecção entre o psicológico, o social e o político, a psicologia pode favorecer o encobrimento das relações de dominação e opressão. Dessa forma, sua atuação não está livre de questionamentos, especialmente ao se considerar que, em certas situações, as práticas clínicas podem perpetuar dinâmicas de violência e opressão. Este fenômeno pode ser notado em interações que envolvem marcadores sociais como gênero, raça e classe, o que pode perpetuar o silenciamento e uma desumanização.

Ao pensar na temática da sexualidade, Foucault (2018) analisa não apenas como um aspecto biológico ou psicológico, mas como uma construção social profundamente moldada pelas instituições e pelo poder. Ao longo dos séculos, a sexualidade foi objeto de um regime de saber e poder, no qual os discursos sobre o sexo não se limitaram à repressão, mas, paradoxalmente, proliferaram e se diversificaram.

Assim, a partir do século XVIII, o controle sobre a sexualidade se intensificou, não através da proibição direta, mas por meio da medicalização, da psicologização e da normatização, buscando moldar os indivíduos e suas práticas sexuais dentro de um



paradigma de controle social. O autor sugere que, na verdade, houve um aumento das formas de vigilância e discurso sobre a sexualidade, o que revela o poder que opera não apenas na proibição, mas também na produção e regulação dos desejos e comportamentos.

Nesse sentido, Zanello (2016) ao considerar a psicologia como uma agência de controle, que pode perpetuar violências de gênero no âmbito da psicoterapia, salienta ser necessário um olhar atento e questionador ao contexto, para a maneira como os atravessadores culturais podem estar atuando na dinâmica durante o processo terapêutico. Sendo assim, a autora afirma que “Se a psicologia não tem uma crítica de gênero, ela acaba sendo uma nova forma de violência, tanto teórica quanto institucional” (p.12).

No que diz respeito aos preceitos éticos, o Conselho Federal de Psicologia orienta as condutas que devem ser seguidas pelo profissional de psicologia por meio do Código de Ética (2005). No entanto, não há um documento que tenha seu foco em orientar sobre envolvimento afetivo/sexual entre profissional e paciente. O Art. 2 presente no Código de Ética sinaliza que:

Art. 2º – Ao psicólogo é vedado:

j) Estabelecer com a pessoa atendida, familiar ou terceiro, que tenha vínculo com o atendido, relação que possa interferir negativamente nos objetivos do serviço prestado;

Ainda, a Resolução CFP nº 13/2022 que dispõe sobre diretrizes e deveres para o exercício da psicoterapia por psicólogos(as), estabelece que:

Art. 2º Ao prestar serviços de psicoterapia, a psicóloga e o psicólogo devem fundamentar-se nos seguintes princípios:

III – compromisso ético de não estabelecer, com a pessoa atendida, família, casais e demais grupos e conhecidos, vínculo que possa interferir negativamente e causar prejuízo aos objetivos do serviço prestado;

Apesar de inúmeros relatos disponíveis em canais abertos na internet e em matérias de jornais⁴ no que diz respeito ao envolvimento afetivo/sexual na relação

⁴<https://g1.globo.com/pr/campos-gerais-sul/noticia/2024/09/30/psicologo-e-indiciado-por-violacao-sexual-de-paciente-nao-pode-ser-chamado-de-profissional-diz-delegado.ghtml>



terapêutica, nota-se uma dificuldade para encontrar, em informações disponibilizadas pelos Conselhos Regionais, dados numéricos dos casos que tenham como característica esse envolvimento.

Além disso, é orientado pelo Conselho Federal de Psicologia que sejam realizadas supervisões para profissionais da psicologia clínica, mas estudos apontam que os sentimentos gerados por essas experiências de cunho afetivo/sexual impedem o compartilhamento entre colegas de profissão e em supervisão, devido ao medo do julgamento e exposição (Vesentini et al., 2021).

Desse modo, o estudo tem como objetivo mapear e analisar pesquisas empíricas, por meio da revisão de escopo, sobre as relações afetivo e/ou sexual entre psicólogo(a) e paciente, bem como suas implicações bioéticas. Torna-se de suma importância, para o planejamento de pesquisas qualitativas com temáticas pouco exploradas, o estudo prévio de bibliografia científica acerca do assunto, a fim de qualificar o estudo dissertativo que vem sendo desenvolvido com foco nas experiências de ex-pacientes com envolvimento sexual com psicoterapeutas.

No que diz respeito a bioética feminista Diniz e Guilhem (2009), apontam o importante papel desempenhado por essa abordagem em proporcionar espaço a situações antes silenciadas, tendo como propósito analisar questões bioéticas amparada na perspectiva feminista, com o compromisso de considerar a opressão social e a desigualdade de poder. Dessa forma, a bioética feminista exerce um papel de grande relevância nesse estudo ao proporcionar uma análise crítica sobre as estruturas de poder existentes na sociedade e o impacto prejudicial que podem exercer nas escolhas individuais.

Assim, a bioética feminista oferece um referencial crítico essencial para analisar o envolvimento sexual entre psicólogos e pacientes, ao evidenciar as relações desiguais de poder e as estruturas de opressão que permeiam essa dinâmica. Essa abordagem revela como a hierarquia inerente à relação terapêutica, na qual o(a) psicólogo(a) detém autoridade profissional e emocional, pode facilitar a coerção sexual, especialmente contra mulheres e minorias de gênero, reproduzindo violências historicamente silenciadas.

METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão de escopo (Costa; Fontanari; Zoltowski, 2022) para mapear estudos sobre envolvimento afetivo/sexual entre profissionais de psicologia e pacientes no âmbito da clínica psicológica, com a finalidade de traçar um panorama dos estudos realizados, compreender tendências na produção científica nacional e internacional e identificar lacunas teóricas sobre a temática.

As bases de dados consultadas foram *Lilacs*, *SciELO*, *PubMed* e *Google Acadêmico*, com auxílio dos descritores booleanos (AND) em português e inglês: violação ética, limites éticos, intimidade, psicólogo, paciente, relacionamento íntimo, relação sexual e transferência erótica. O período de busca foi entre os meses de outubro e dezembro de 2024. Os critérios de inclusão foram: o estudo ser empírico, investigar os sentimentos presentes quando há um envolvimento com o(a) paciente ou existe uma atração física e/ou sexual na relação e o estudo ter sido conduzido nos últimos 10 anos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na busca realizada entre os meses de outubro e dezembro de 2024, foram encontrados 19 estudos, sendo uma tese, uma dissertação, uma monografia e dois artigos em língua portuguesa, enquanto o restante dos achados são em língua inglesa. Nas pesquisas encontradas, há uma deturpação da dimensão da ética nos casos de envolvimento afetivo/sexual entre psicoterapeutas e pacientes, entendida exclusivamente atrelada aos conceitos teóricos da psicologia clínica (Prasko et al.2022, Grassano, 2021), como por exemplo, a suscitada pela psicanálise em relação aos conceitos de transferência e contratransferência (Gresele, 2020; Grassano, 2021; Silva, 2015; Pereira; Silva, 2014).

No cenário brasileiro, os estudos (Gresele, 2020; Grassano, 2021; Silva, 2015; Pereira; Silva, 2014) indicam um interesse pelos conceitos psicanalíticos de transferência e contratransferência para pensar sobre os sentimentos eróticos manifestados na relação entre psicólogo e paciente. O primeiro termo, transferência erótica, diz respeito ao processo no qual o paciente, de maneira inconsciente, repete seus próprios protótipos infantis e projeta na figura do analista afetos amorosos e eróticos reprimidos, o profissional se torna seu objeto de paixão. O segundo termo, contratransferência erótica, oportuniza uma compreensão sobre os sentimentos dirigidos

pelos analistas aos seus pacientes e como pode ser uma experiência que quando não trabalhada em supervisão pode interferir no processo de análise e melhora do paciente.

A literatura apontar a importância de estar atendo aos sentimentos demonstrados pelo paciente, mas também aos próprios sentimentos do analista uma vez que o processo pode ser influenciado pela forma como os sentimentos aparecem no setting, é reforçada a necessidade de retomada

da teoria, devido a possibilidade de um não conhecimento sobre o termo, bem como a discussão dos casos em supervisão e um treinamento qualificado.

Além disso, é explorada a percepção dos profissionais em relação a esses sentimentos (Pitanga, 2016, Gresele, 2020, Vesentini et. al, 2023). Os achados indicam que os(as) profissionais de psicologia relatam o desconforto sobre o assunto, bem como experienciam sentimentos de medo, raiva, constrangimento e vergonha, além de desamparo. A aproximação dos pacientes provoca confusão sobre como intervir e como prosseguir com o tratamento, sendo novamente indicada a importância de um treinamento que possibilite um melhor manejo da situação.

Nota-se que os autores Barnett (2014), Capawana (2016) Hollwich et. al (2016) e Vesentini et. al (2021) também demonstraram uma preocupação em relação aos princípios éticos implicados na clínica psicológica quando o tema sexualidade está atrelado ao profissional de psicologia, no que diz respeito aos sentimentos afetivos/sexuais por seus pacientes. A literatura indica que existe um consenso, entre os profissionais, sobre o envolvimento sexual ser reconhecido como inapropriado, no entanto, existe uma flexibilidade no que tange a comportamentos que não ultrapassem limites extremos.

Nos dados encontrados por Vesentini et. al (2022), com a participação de 758 terapeutas, 3% iniciaram uma relação sexual com um cliente atual e/ou anterior, 3,7% iniciaram uma amizade durante a terapia, e 13,4% iniciaram uma amizade após a terapia. Cerca de sete em cada dez terapeutas indicaram achar um cliente sexualmente atraente, um quarto fantasiou sobre um relacionamento romântico, 22% deu um abraço de despedida no final de uma sessão. Além disso, terapeutas homens relataram mais sentimentos e comportamentos sexuais do que terapeutas mulheres. Também, terapeutas mais velhos se comportaram de forma mais informal e iniciaram amizades com ex-clientes com mais frequência do que colegas mais jovens.



Outro estudo realizado pela autora (Vesentini et. al, 2023), por meio de grupos com 36 participantes, indica que para lidar com os sentimentos românticos e ou sexuais dos pacientes os profissionais optam por estratégias de enfatizar seu status de relacionamento e evitar contato físico o que gera questionamentos sobre seu profissionalismo e sentimentos de confusão, culpa e insegurança. Sendo mais frequente em profissionais no início da carreira a dificuldade em manejar a situação. Os autores salientam também, a importância de programas educacionais que preparem os psicólogos(as) para lidar com os sentimentos românticos e ou sexuais que aparecem no contexto clínico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão de escopo oportunizou conhecer esse campo pouco explorado, em especial pela literatura brasileira, bem como compreender o que foi produzido e as lacunas de conhecimento que ainda se tem. A análise permitiu contemplar-se distintos entendimentos das abordagens teóricas, relatos de experiências de psicólogos(as) e questionamentos sobre limites éticos.

Diante disso, a literatura indica que sentimentos afetivos/sexuais geram desconforto nos profissionais, sobretudo devido ao tabu em relação aos sentimentos românticos e/ou eróticos no contexto clínico. Nota-se também, que existe um consenso entre os autores de que os sentimentos afetivos/sexuais ocorrem no contexto da clínica psicológica, por parte de ambos os envolvidos, psicólogo(a) e paciente. Diante disso, também é apontada a dificuldade de explorar a temática devido ao medo do julgamento, bem como a dificuldade em encontrar espaços seguros para dialogar uma vez que gera sentimentos ambíguos nos profissionais.

As relações assimétricas entre profissional e paciente, bem como nas relações de gênero consistem em fatores de risco para a violência sexual e de gênero, o que reforça a importância de garantir um ambiente terapêutico seguro e respeitoso. Destaca-se a necessidade de uma formação ética e técnica desde a graduação em torno da sexualidade nesse contexto para que seja possível romper as barreiras em torno do assunto e oportunizar um melhor manejo das situações.

Diante dos achados, percebe-se a importância de considerar a bioética feminista para pensar essa problemática social, assim como a necessidade de uma disponibilidade



dos dados quantitativos de denúncias realizadas aos Conselhos Regionais de Psicologia sobre o tema aqui exposto para possibilitar reflexões e articulações. Assim, salienta-se a urgência de um diálogo próximo entre os Conselhos Regionais e o Conselho Federal de Psicologia tanto com a comunidade acadêmica quanto com a categoria profissional sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

- BARNETT, J. E. Sexual feelings and behaviors in the psychotherapy relationship: an ethics perspective. *Journal of Clinical Psychology*, v. 70, n. 2, p. 170-181, fev. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1002/jclp.22068>. Epub 21 dez. 2013. PMID: 24375452.
- CAPAWANA, M. R. Intimate attractions and sexual misconduct in the therapeutic relationship: implications for socially just practice. *Cogent Psychology*, v. 3, n. 1, 2016.
- COSTA, Angelo; BARROS-FALCÃO, Carolina; DREHMER, Luciana. *Psicoterapia e cuidados na saúde mental da população LGBT+ um guia para psicoterapeutas e profissionais de saúde mental*. ediPUCRS. Porto Alegre. 2022
- COSTA, Ângelo; FONTANARI, Anna; ZOLTOWSKI, Ana. *Como escrever um artigo de revisão sistemática: um guia atualizado*. 2022. USP
- DAMASCENO, Marizete; ZANELLO, Valeska. *Psicoterapeutas brancos/as e clientes negros/as: sobre racismo invisível e lacuna em relações raciais na formação profissional*. *Revista da ABPN*. 2022. V.14, n.41.
- DINIZ, D; GUILHEM, D. Bioética Feminista: o Resgate Político do Conceito de Vulnerabilidade. *Rev. bioét.(Impr.)*. [Internet]. 4º de novembro de 2009 [citado 27º de maio de 2025];7(2). Disponível em: https://revistabioetica.cfm.org.br/revista_bioetica/article/view/310
- Foucault, M. (2018). *A história da sexualidade: A vontade de saber* (7ª ed.). Editora Graal. (Original publicado em 1976).
- Grassano, T. (2021). Sexualidade na sala de análise. *Revista Mineira de Psicanálise*, 4(1).
- Hollwich, S., Franke, I., Riecher-Rössler, A., & Reiter-Theil, S. (2015). Therapist-client sex in psychotherapy: Attitudes of professionals and students towards ethical arguments. *Swiss Medical Weekly*, 145, w14099. <https://doi.org/10.4414/smw.2015.14099>.

- HOLLWICH, S.; FRANKE, I.; RIECHER-RÖSSLER, A.; REITER-THEIL, S. Therapist-client sex in psychotherapy: attitudes of professionals and students towards ethical arguments. *Swiss Medical Weekly*, v. 145, p. 14099, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.4414/smw.2015.14099>. Acesso em: 13 dez. 2024.
- PEREIRA, J.; SILVA, J. (2014). Contratransferência erotizada: O estudo dos sentimentos originados no terapeuta por uma bela paciente. *Unoesc & Ciência - ACBS*, 5(2), 151-156.
- PITANGA, A. (2016). Conversas sobre sentimentos sexuais na relação terapêutica. (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO.
- PRASKO, J., et al. (2022). Managing transference and countertransference in cognitive behavioral supervision: Theoretical framework and clinical application. *Psychology Research and Behavior Management*, 12, 2129-2155.
- VESENTINI, L.; DE WACHTER, D.; VAN PUYENBROECK, H.; MATTHYS, F.; BILSEN, J. Intimate and sexual feelings in psychotherapy: educational topic or still taboo?. *Journal of Mental Health* (Abingdon, England), [s.l.], v. 33, n. 3, p. 287-294, 2024. <https://doi.org/10.1080/09638237.2023.2210652>.
- VESENTINI, L.; DEWILDE, K.; MATTHYS, F. et al. Dealing with sexual boundary violation in mental healthcare institutions by government policies: the case of Flanders, Belgium. *BMC Medical Ethics*, [s.l.], v. 23, p. 40, 2022. <https://doi.org/10.1186/s12910-022-00778-9>.
- VESENTINI, L.; VAN OVERMEIRE, R.; MATTHYS, F.; DE WACHTER, D.; VAN PUYENBROECK, H.; BILSEN, J. Psychotherapists' attitudes to intimate and informal behaviour towards clients. *Psychological Medicine*, v. 51, n. 11, p. 1807-1813, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0033291720000513>. Acesso em: 12 dez. 2024.
- VESENTINI, L.; VAN OVERMEIRE, R.; MATTHYS, F.; DE WACHTER, D.; VAN PUYENBROECK, H.; BILSEN, J. Intimacy in psychotherapy: an exploratory survey among therapists. *Archives of Sexual Behavior*, [s.l.], v. 51, n. 1, p. 453-463, 2022. <https://doi.org/10.1007/s10508-021-02190-7>.
- VESENTINI, L.; VAN PUYENBROECK, H.; DE WACHTER, D.; MATTHYS, F.; BILSEN, J. Sexual feelings toward clients in the psychotherapeutic relationship: the taboo revealed. *Qualitative Health Research*, [s.l.], v. 31, n. 5, p. 999-1011, 2021. <https://doi.org/10.1177/1049732321990654>.



VESENTINI, L.; VAN PUYENBROECK, H.; VAN OVERMEIRE, R.; MATTHYS, F.; DE WACHTER, D.; BILSEN, J. How therapists experience and manage patients' romantic and sexual feelings for them. *Academic Psychiatry: The Journal of the American Association of Directors of Psychiatric Residency Training and the Association for Academic Psychiatry*, [s.l.], v. 47, n. 4, p. 352-359, 2023.

<https://doi.org/10.1007/s40596-022-01714-0>.

VIEIRA, É. D.; ROMAGNOLI, R. C. A clínica psicológica como um espaço de desvelamento das desigualdades sociais. *Psicologia em Estudo*, v. 27, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v27i0.47596>. Acesso em: 13 dez. 2024.

ZANELLO, V. Violência contra a mulher e a Psicologia. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2016/03/CFP_JornalFed_Mar_Final_15.03.pdf. Acesso em: 12 dez. 2024.

IMPORTANTE:

Após publicados, os arquivos de trabalhos não poderão sofrer mais nenhuma alteração ou correção